

Museu para preservar tradição oral

Léo Gondim não descarta a possibilidade de escrever um livro sobre o pai. "Não podemos deixar desaparecer, também, fatos que hoje nós o retemos apenas oralmente. Entre elas, histórias que ele ouvia dos candangos e que são autênticas peças do folclore brasiliense", cita. Léo lembra, por exemplo, o caso do candango que mandou uma carta à mulher, no Nordeste, contando que para não passar fome se virava com um Marta Rocha (bolo em homenagem à Miss Brasil de 1954, que não alimentava, mas enchia a barriga, feito com muito fermento). Na resposta, a mulher manda lhe dizer que, se

ele se virava com Marta Rocha, ela também se virava, no Ceará, com Seu Zé do Armazém, seu compadre.

Natural de Fortaleza, Godim não aceitava nenhuma doação para o seu museu, se não contivesse uma prova indiscutível de autenticidade. Ele trabalhava para o jornal cearense O Povo, quando veio documentar a construção de Brasília, em 1959. Deixou em Fortaleza a sua agência de fotografias infantis e de eventos sociais de grande procura, porque o amor pela cidade que conheceu foi superior a quase tudo o que conhecia. Um dos seus maiores exem-

plos de amor a Brasília foi na busca de um objeto pertencente a Luis Cruls.

"Meu pai estava no Rio de Janeiro e, por um catálogo telefônico, localizou a filha caçula de Luis Cruls, chamada Estela, já com 80 anos de idade. Contou-lhe do motivo da visita e, em janeiro de 1982, recebeu, aqui em nossa casa, uma neta, uma bisneta e uma tataraneta de Cruls, trazendo-lhe, de presente, um prato de porcelana no qual comeram os membros da missão Cruls. Junto, estava o certificado de autenticidade: "Ao Senhor Gondim, tenho o prazer de oferecer este prato que pertenceu a meu pai, Luiz

Cruls, para ser incorporado a sua valiosa coleção. Janeiro de 1982, Estela Cruls", conta Léo Gondim, que também gostaria de ver o acervo continuar em Brasília. **(G.M.)**